

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 12.

SABBADO 25 DE JUNHO.

1860.

MISERIAS DA ESCRAVATURA.

SCENAS VERIDICAS.

(Continuado da pag. 51).

V.

Na noite seguinte o crioulo foi exacto em se achar no lugar indicado. Tomou todas as precauções para que pudesse ver e ouvir sem ser visto.

Nas fazendas, costuma-se fazer grandes cestae de taquaras, para varios misteres; o crioulo trouxe uma destas e collocado com a bocca para baixo, bem perto da janella, metten-se dentro e esperou. Se fosse para executar uma obra meritoria, duvido que o miseravel achasse este meio de se aproximar de pessoas cujo viver por mais de uma rasão os tornava desconfiadas de tudo...mas parece que é verdade que o mal tem mais expedientes...

Entretanto o crioulo esteve para perder seu tempo, e só foi umas destas circumstancias que vem tantas vezes em auxilio do máo, e são raras a favor do bom, que o salvou. O crioulo, tal era o desejo de conhecer os dois vultos, veio para o seu escondrijo muito cedo; de maneira que tinha de esperar boas quatro horas até que chegasse a hora indicada pelo vulto; e como as insomnias não eram o mal de que elle mais soffria, depois de uma hora de espera largou-se a *roncar* nem mais nem menos do que se estivesse n'uma boa cama, e não no chão ao relento da noite.

O vulto não faltou. Chegou-se á janella e baten mansamente. A pessoa procurada não se fez esperar; abriu a janella, e foi pagando a visita com caricias...

Não narraremos o dialogo que entre elles teve lugar. O leitor fará idéa que estes dois pobres africanos, Antonio e Roza, fallariam em muita coisa: fallariam em sua terra natal, e depois, como era natural, na fazenda em que estavam, no que ali soffriam os pobres escravos, no perigo que correriam se por ventura descobrissem o arдил que os fazia passar por irmãos, os castigos que seguiriam essa descoberta. Fallaram tambem nas pretensões

do crioulo &c. &c., sem pensarem que ali perto delles estava seu genio máo, mas, por excepção de regra, o genio sempre vigilante e alerta, desta vez *roncava* como um... como o seu senhor, após louta ceia, em cama fôfa e quente...

Por mais de uma vez Roza, mais providente do que Antonio, como o são todas as mulheres nestas occasiões, fez-lhe observar que ouvia roncões sem ver o ente ditoso que os exhalava; mas o que salvou o crioulo de ser desoberto e quiçá morto? um ente tão vil e abjecto como o proprio crioulo—um porco enorme, que deitado voluptuosamente em palhas de milho roncava formando um côro com o crioulo, seu digno visinho...

Mas a posição incommoda em que estava o crioulo não podia durar mais tempo, os membros mal ageitados sobre a terra dura soffriram e o crioulo acordou-se sobresaltado.

Acordou-se justamente na occasião em que Antonio protestava matal-o a primeira vez que o encontrasse importunando a sua amante, fallou depois de quanto elle seria feliz se o seu senhor consentisse em casal-os, tendo-lhe perdoado o arдил que os fizera passar té o presente por irmãos.

Era bastante para o crioulo. Em meio da nuvem negra que lhe passou pelos olhos ao ouvir a ameaça energica de Antonio, o raio de luz—não são irmãos—veio logo dissipar-lhe o medo.

Quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe cae, diz o ditado. O crioulo talvez não soubesse, por estas palavras exprimir a idéa do rifão, mas esta idéa é innacta no coração, principalmente nos corações que acham pouca conviniencia em pagar o mal com o bem. Elle jurou previnir a vontade de Antonio procurando por todos os meios dar cabo delle.

Antonio retirou-se, a janella fechou-se e o crioulo ficou sosinho—entregue aos seus pensamentos de vingança.

Cumpre notar que este negro tinha sua intelligencia, ao menos a intelligencia do mal. Depois de estar ainda por alguns minutos debaixo do cesto a dar tempo que Antonio se retirasse, elle ergueu-se, dizendo entre dentes: Vainos para a cama, lá pensaremos melhor. Mas apenas deitado, o somno pesou-lhe

nas palpebras e elle dormia com toda a innocencia de quem adormece pensando fazer mal.

No dia seguinte o crioulo levantou-se satisfeito, andava por um e outro lado com certo ar de mysterio, de importancia, dizendo palavras ambigüas como quem queria provocar uma explicação.

Entretanto o pobre diabo não achara um meio de descartar-se de Antonio sem que o seu caro physico corresse o perigo de ver realisado aquelle—mato-o—do africano. A principio teve a idéa de descobrir tudo ao fazendeiro, e no caso deste duvidar, convidal-o a que se collocasse debaixo do tecto e então convencer-se por seus proprios olhos: feito o que, elle arriscaria, a vista do enorme crime de Antonio, observar ao senhor a coaviniencia que havia em vendel-o, após a classica novena... Mas neste caso ainda Antonio viria a saber que elle era o causador deste infortunio, e o crioulo resolvia pela afirmativa que o seu pello não ficaria illeso...

Por outro lado o desejo libidinoso aconselhou-o a que se aproveitasse desta descoberta para gosar a africana. Foi a idéa que mais lisongeou-lhe o orgulho. Já elle pensava no papel que ia representar: chegar-se a Roza, com a cabeça erguida, e dizer-lhe: Mando... senão... e dizer-lhe o segredo. Mas o medo fazia-lhe ver Antonio caindo sobre elle como um demonio, com o canivete aberto, e então, adeos minha descoberta, morro como um porco sangrado...

Outras idéas, outros planos surgiam no espirito do crioulo, mas vinham ter a um só resultado, o qual ser-lhe-ia fatal.

Houve momentos em que o crioulo maldice a hora em que havia descoberto um segredo que em nada lhe aproveitava, então arrancava as *carapinhas* e mandava tudo ao diabo, protestando esquecer-se de tal descoberta. Era confessar-se vencido, e isto desesperava-lhe o orgulho. Pois elle que estava acima de Antonio, elle a quem se concedia trazer as *carapinhas* abertas pelo rego da liberdade, bem lustrosas á força de tanto azeite, havia de se curvar diante um estúpido africano, sujo, esfarrapado, podendo vencel-o com uma só palavra?... O crioulo não podia se conformar com esta idéa, e assim odiou o seu projecto.

Por outro lado Antonio e Roza, sem desconfiarem do que hia pela cabeça do crioulo continuavam nas suas entrevistas nocturnas.

Muitos dias depois, uma occasião em que os pretos estavam no cafezal, aconteceu que Antonio, colhendo café assistisse a uma conversação que dizia respeito a elle e Roza.

Dois pretos, sem o verem, pois o pé de café occultava-os ás suas vistas, fallavam a respeito disso que elles chamavam — soberba de Roza, que não era mais do que a sua honra, e um delles chegou a avançar que Roza dava confianças ao crioulo, outro negava, e em conclusão apostaram uma palaca.

Antonio que ouvia isto, com custo se pôde conter, tendo impetos de lançar-se sobre o alcivoso e panir-lhe a má lingua; mas pensou que o seu negocio era com o crioulo, que este não se importando com a sua ameaça ainda continuara a importunar Roza...

Nessa noite, sabendo que o crioulo costumava sair ás escondidas em horas mortas, Antonio foi esperal-o resolvido a dar cabo d'elle.

De feito, á meia noite o crioulo sahio de casa e descuidado dirigia-se á povoação vizinha levando nas costas um grande sacco de calé, fructo do seu roubo, quando de repente Antonio pula sobre elle como uma onça. O crioulo nem teve animo para gritar, cobarde, apenas pôde dizer: Por amor de Deos, Antonio, não me mate.

Antonio lhe perguntou se era verdade que elle continuava a bulir com sua irmã. Então o crioulo mostrou toda a flexibilidade de sua lingua, provando sua innocencia &c. &c.—o caso é que o africano teve pena d'elle, deixou-o ir promettendo matal-o si não fosse assim.

O crioulo deu de pernas; mas a humilhação por que passára fóra tamanha a elle que se julgava superior, que immediatamente resolveu vingar-se, contando no dia seguinte o seu segredo.

(Continua.)

O POVO.

SUA INSTITUIÇÃO.

Tendo este Jornal a honrosa missão de escrever para o povo, que quasi sempre é a miseranda victima dos desvarios e pouca prudencia dos que governam, nós procuraremos sempre que nos for possivel patentear os erros que encontrarmos nas camadas superiores da sociedade, a fim de tornar-se bem clara e definida a posição do nosso tão digno cliente, a posição d'aquelle, cuja causa nós ardentemente advogamos. Levados por esse interesse, que nos inspira a parte principal da nação, aquella que empunha sem contestação o sceptro da soberania, não deixaremos de exa-

minar todas as grandes questões, que dizem respeito á sua educação bem estar.

A instrucção, que deve ser com igualdade repartida, e que para o pobre, para aquelle, que não nasceo sob o linho do poder é o unico meio de elevar-se ás altas posições do Estado, só pode ser hoje adquirida mediante forças, que a pobreza não tem a seu alcance.

A pouca attenção, que este assumpto tem merecido dos governos, que tem successivamente galgado o poder, a incuria desses, que tem deixado de entregar a homens especiaes o estudo do tão importante assumpto, tem causado males cujos effeitos não podem ser agora apreciados, mas que, nem por isso, deixam de ser funestissimos.

Se estudassemos com acurada attenção, as reformas que a este respeito tem realizado o paiz pensador por excellencia, a Allemanha, veriamos que não é para desprezar a questão da instrucção do povo.

Quando vemos que a cada idéa nova apresentada para a melhor realisação do systema representativo se oppõe a valiosa razão de não estar o povo preparado para recebê-la, parece fora de duvida, que se deveria quanto antes remover a unica causa que impede o melhoramento das cousas. Mas é disto que não cuidam aquelles que tendo, as regalias e proventos das posições lucrativas, não querem aceitar os onus que ellas impõem. Desprezam a felicidade do povo aquelles que ousam dizer que para elle não ha justiça, pois que não tem direitos.

E na realidade era de esperar que a muito tivesse sido proposto ao poder competente um dos meios, que, em nosso pensar, melhorará esse ramo dos publicos negocios, que tem por objecto a parte intellectual e moral da sociedade

Era para desejar que já tivesse sido realzada a idéa de haver um ministerio especial, que encarregado da realisação desse grande desideratum, não se visse sobrecarregado de outros affazeres diversos, que o podessem distrahir de tão importante fim. A favor d'esta reforma se ostentariam os resultados collidos pela Prussia que em 1819 alcançou um ministerio especial, que devia tratar tão somente da instrucção publica, que até então estava entregue aos cuidados do ministro do interior. Poderiam apresentar-se como garantia do bom exito de tal reforma os beneficos effeitos, que ella produziu n'Allemanha, quando executada.

Nós, porém descendentes de Portuguezes somos como elles caracterizados por uma

inercia que nos faz considerar a innovação e reforma como um acto de funestas consequencias e que devemos evitar; é por isso que nada somos e nada poderemos ser.

M. da Luz.

A riranga d'um irmão.

(Continuado de p. 83.)

III.

PAGINAS D'UM LIBERTINO.

1.º FRAGMENTO.

Do leito aonde o vicio acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me
Acordei na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

(ALVARES DE AZEVEDO.)

O livro que o meu amigo me déra para lêr era o seu Diario, ou antes, algumas paginas da historia das suas paixões. Extrahi delle dois fragmentos a que dei o titulo do presente capitulo.

« Algum mysterio envolve o meu nascimento. Talvez que algum crime bem horrivel borrifasse de sangue o meu berço infantil... Não sei quem são meus paes.

« Uma vez, inquirindo o meu bem-feitor a este respeito, vi impallidecer-se-lhe o rosto, e seus labios me impuseram um silencio eterno... Sem duvida nasci de um crime.

« Mas, quem é este homem que acerrou-se da minha infancia, dando-lhe os cuidados de pai? Quem é esta familia que me recebeu em seu seio?... Não sei... Necessariamente algum laço mysterioso me liga a elles...

« Sou um engeitado, dizem, filho de pais pobres, e que por comiserção cuidaram de minha infancia.

« Entretanto, não me posso illudir, a maneira por que esta familia me trata está acima do tratamento que se costuma dispender com um engeitado. Com effeito, o que quer dizer esse quasi acanhamento que observo no meu bem-feitor, quando em nossas raras conversações, eu insisto em saber quem são meus pais?... Necessariamente alguma razão secreta lhe dicta este proceder.

« Em 183... um homem trazendo com si fundos immensos, veio se estabelecer em S. Paulo.

« Ninguém sabia quem fosse elle, nem a que familia pertencia. Souberam sómente que era um portuguez muitissimo rico, que, querendo se estabelecer no Brazil, escolhera para residencia a cidade de S. Paulo. Conheciam-no pelo nome de Francisco Gonçalves.

« Sua familia constava de: sua mulher, moça de vinte cinco annos; de uma menina, sua filha, que teria dois annos d'idade; e d'um menino engeitado, que teria de quatro para cinco annos. Chamava-se Henrique.

« D. Angela, assim se chamava esta senhora, amava o menino Henrique quasi tanto quanto a sua filhinha Julia.

« Eis aqui quem eu sou, pobre, engeitado, vivendo ás esmolos d'um rico... e nem ao menos sabendo quem são meus pais, e nem quem é a honrada familia que me educou.

« Dez annos correram sobre a minha infancia. Julia tinha então doze annos e eu quatorze para quinze.

Julia me amava, não como uma irmã ama o irmão, porque desde cedo o Sr. Gonçalves fez-nos conhecer quem eramos, Julia amava-me com esse affecto que germina na infancia, orvalhado pela innocencia, e que com o tempo cresce e se enraiza no coração virgem ainda de emoções e sentimentos que não os filiaes.

« Viviamos sempre junctos, e junctos passavamos os dias e as horas em brincos de criança. A' noite, antes da hora de dormir, D. Angela nos fazia rezar: eu pronunciava d'envolta com a minha oração o nome de Julia, e Julia mormurava o meu. Entretanto, antes de separar-mo-nos, para no dia seguinte de novo nos reunir, a nossa boa-noite era no silencio, e era deliciosa. Aquelle corpinho delicado se unia ao meu n'um estreitado abraço, e ás vezes, uma lagrima de amor e de saudade, por tão curta separação, rolava por nossas faces e um beijo puro e longo como um adeos acompanhava estas palavras: Sonha comigo!..

« Oh eu amava muito esta menina!... Si com tudo o nome de amor se possa dar ao sentimento que ligava as almas de duas crianças ignorantes e sem razão.

« Um dia passeavamos nos jardins da chacara em que o Sr. Gonçalves ordinariamente residia. Meu braço pousava sobre o hombro de Julia e o della cingia-me a cintura... provavelmente eu lhe ia dando repetidos beijos

cada vez que lhe dizia que a achava mais linda do que quantas flores encontravamos. A's vezes ella corava, parecia então aquelle pudor a rosa encarnada se abrindo aos poucos: uma exhalando os primeiros perfumes da alma, outra o delicado aroma de flor: ambas puras no desabrochar da belleza.

« Depois de assim andarmos pelo jardim, paramos, e—para que recordal-o?... juramos um amor eterno; juramos que mais tarde nos ligariamos eternamente—Loucos era jurarmos uma loucura que o tempo devia comprovar!..

« Então Julia me deu para attestado da sua promessa um anel de seus cabellos, o qual ainda conservo. Testemunharam este juramento o céu e as flores... mas o céu estava carregado de nuvens negras, e as flores começavam a pender após um sol ardente. Era talvez um mau agouro e nossos corações des-cuidados não o sentiram...

« Sem pensar no futuro assim viviamos na embriaguez deste affecto infantil.

« Um dia o Sr. Gonçalves chamou-me em particular, e me disse, que era mister cuidar mais seriamente da minha educação, que era preciso que eu fosse para um collegio, e que me preparasse para partir para o Rio de Janeiro.

« De tudo isto eu só entendi que me era forçoso separar-me de Julia.

« Separar-me de Julia, meu Deus!...

« E nossos dias então como eram tristes!.. E nosso amor como se aprofundava ao orvalhar-se em nossas lagrimas tão doidas?...

« Eramos então inseparaveis.

« Quando estavamos sosinhos eu collocava Julia sobre meus joelhos, bem unida ao meu coração. Sua fronte intristecida pendia-me sobre o peito, e eu conservava suas mãosinhas macias dentro das minhas. Ella soluçava e eu beijava-lhe as lagrimas, beijava-lhe os olhos, abraçava-a ternamente, e depois punha-me tambem a chorar com ella...

« Finalmente chegou o dia e eu parti para o Rio de Janeiro.

« Triste, monotono era o viver longe de Julia, em uma cidade, dentro de um collegio onde eu não encontrava um rosto amigo, um peito que se abrisse ás minhas dores, que ouvisse meus pesares sem zombar de mim!...

« Nas horas vagas, longe de partilhar dos recreios com meus collegas, preferia retirar-me para o vão de uma janella donde se avistava o mar.

« E que saudades e que dores tão intimas

eu não sentia no coração ao avistar um navio que chegava ou partia para o porto de Santos!?... E que lagrimas tão ardentes, tão da alma não me queimavam as faces ao receber uma carta de D. Angela, tão boa, tão carinhosa?... E quantas vezes não fui eu objecto de riso e de escarneo, quando meus collegas me iam encontrar, quasi louco, riudo e chorando, com os labios collados sobre uma carta?... eu beijava o nome de Julia...

« O Sr. Gonçalves, porém, rara vez me escrevia e quando o fazia eram cartas laconicas, sensibilizando-me a necessidade, ou o dever que eu tinha de applicar-me aos estudos.

« Durante um anno as cartas de D. Angela vinham me servir de lenitivo, porque fallavam sempre de Julia.

« Entretanto Julia me escrevia directamente uma só vez.

« Desejoso de receber letras suas, um protesto de amor traçado por seus proprios dedos, um dia lhe escrevi uma carta. Nella derramei toda a saudade de um affecto acrisolado pelo soffrimento da separação de um anno.

« Não tive resposta.

« E as cartas de D. Angela foram-se tornando cada vez mais raras, e o nome de Julia rara vez apparecia nellas.

« Eu não sabia a que devesse attribuir isto.

« Entretanto a minha applicação aos estudos produzia effeitos: meu nome era o primeiro que figurava na lista dos estudantes das aulas que eu frequentava.

« Eu contava então dezoito annos.

« O meu character se ia desenhando á medida que a minha razão se desenvolvia, e nelle eu descobri tendencias irresistiveis para os vicios...

« E eu não tinha nem pai, nem mãe para velarem sobre mim, para reterem, em quanto ainda era tempo, a minha alma que propendia ás paixões más... Nada!... senão pessoas que me educavam por dinheiro...

« As paredes do collegio começaram a me causar tedio. Esta vida de prisioneiro ao ferver dos ardores dos dezoito annos tornava-se-me insupportavel... Eu queria respirar em liberdade.

(Continua.)

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

VIII.

Entre os povos christãos, ao menos depois do seculo IV em que foi estabelecido, que as festas em commemoração do nascimento do Filho de Deus, Nosso Salvador e Redemptor Jesus Christo, fossem feitas no dia 25 do mez de Dezembro, tem sido geral o costume de guardarem como dias feriados, os que decorrem desde o Natal até o dia dos Reis, e assim durante este prazo, deixando de alguma maneira os seus trabalhos regulares, os christãos uzam entregar-se mais a passatempos e recreios, do que aos cuidados e affans da vida ordinaria.

No nosso Paiz á imitação da antiga Metropoli, como esta da de Povos ainda mais antigos, tem sido sempre tidos como festivos estes dias.

As festas do Natal, Anno Bom e Reis são sempre bem vindas a todos que anciosos esperam, como por um tempo em que tudo deva respirar prazer, divertimentos e folguedos. Um tempo em que quasi todos fogem das occupações mais serias, em que as festas, os bailes e outros divertimentos se multiplicam, em que as saídas para o campo, as visitas e reuniões de familia são consideradas como em a estação mais propria: justo e bem justo é, que gozem do geral contentamento, e se divirtam, e abandonem tambem, por esse pequeno periodo festival, os seus trabalhos e ladigas escolasticas, os alumnos deste collegio; vós, meus caros meninos, que tendes durante o anno vos esforçado por bem marchades na carreira do progresso intellectual, na longa via que conduz ao Templo da Sciencia; e que tão ambiciosos vos tendes mostrado em illustrardes o vosso espirito, e em enriquecer-vos de conhecimentos.

Paremos, pois, hoje com os nossos trabalhos regulares, e fiquem elles interrompidos até o dia 7 do proximo Janeiro; quando de novo deveis proseguir na senda começada; e então mais descansados e mais avidos ainda de saber, conto que marcareis cada dia que seguir-se com um novo triumpho escolastico.

Ide, e diverti-vos; porem segui sempre pela estrada do dever; e que sejam os vossos divertimentos de natureza a não vos estragar a moral, nem a embrutecer-vos o espirito.

Será pequena a vossa ausencia, mas mesmo assim não deixarei de senti-la, eu vos confesso, pois que como a filhos vos estimo, e sempre é penoso para um pae o ter ausentes tão caras prendas.

Para que vos tenha mais algum tempo ainda em minha companhia, desejo ir comvosco passar amanhã o dia á Ermida de Nossa Senhora da Penha.

Apromptae-vos, pois, e bem cedinho estarei a vossa espera. Faremos a nossa excursão, uns a cavallo e outros comigo em um famoso carro.

Lá nos será servido um jantar campestre; e depois de por ali nos entretermos, voltaremos ás nossas habitações. Assim teremos bem passado o grande dia de Natal; que de modo algum melhor seria empregado, do que como sem duvida faremos, devotando-nos por algumas horas a oblações religiosas no Templo ali votado ao culto da Divindade.

Em quanto o dia de amanhã não chega, e pois que agora terminam os nossos trabalhos, não só de hoje mas ainda deste anno, rendamos graças ao Clementissimo Pae Celeste pelos immensos beneficios que nos tem feito, a nós e aos nossos; e por esta vez contentae-vos com estas poucas linhas em lugar da composição, que de mim esperarieis.

Oremos, pois, caros meninos, para que a Bençãam do Senhor seja comvosco.

C. Y. 24 de Dezembro de 1856.

Grutas naturaes.

III

A GRUTA AZULADA.

A ilha de Capri, situada no golpho de Nápoles, fronteira á esta cidade e no mesmo meridiano, foi o retiro que, como se sabe, escolheu o imperador romano, Tiberio, que ahí edificou sumptuosa residencia. de que existem muitas ruinas. Nesta ilha acha-se a celebre gruta marinha que foi descoberta fortuitamente haverá trinta e oito annos por um pescador, e que não consta ter sido conhecida pela antiguidade. Alexandre Dumas nas suas *Recordações de viagens* impressas em 1841, descreve assim aquella maravilha natural.—

«O mar estava bonançoso; e comtudo quebra, ainda no tempo mais bello, com tamanho impeto contra a cinta de rochedos que

rodeia a ilha, que as nossas canoas dançavam como em tormenta, e vimo-nos obrigados a deitarmo-nos sobre o cayername, aferrando com as mãos na borda para não irmos parar ao pégo. A final, passados tres quartos de hora de navegação em que costeámos quasi a sexta parte do circunito da ilha, os barqueiros nos preveniram de que tínhamos chegado ao sitio: olhámos em redor, mas não descobrimos a menor apparencia da mais pequenina gruta; então nos mostraram um ponto negro e circular que mal divisámos acima da espuma da resaca; era o orificio da abobada.

«O primeiro aspecto da entrada não dá grande afonzeza; não se percebe como é possível transpô-la sem partir a cabeça d'encontro ao penhasco. Como a duvida nos pareceu digna de ser discutida, expozemo-la aos barqueiros, que nos responderam que tínhamos toda a razão se continuassemos meio assentados, mas que nos deitássemos de todo e evitaríamos o perigo. Não vieramos de tão longe para recuar: dei eu o exemplo; o meu barqueiro adiantou-se remando com precauções significativas de que apezar de habituado com semelhante tarefa, não a considerava inteiramente isenta de risco: pelo que me toca na postura em que estava, só via o céo: em breve me senti erguido sobre uma vaga, o bote deslisou rapidamente e nada mais vi do que um rochedo, que me pareceu durante um segundo carregar no peito: de subito achei-me em uma gruta tão estupenda que soltei um grito de assombro e levantei-me com tanta accleração para olhar em roda que por pouco não fiz virar a embarcação. Com effeito em torno de mim, e por toda a parte, havia maravilhas de que nenhuma descripção poderia dar idéa; ante as quaes até o pincel, principal traductor das recordações humanas, fica sem poder. Imagine-se uma caverna immensa, toda de azul-ultramar, como se Deus se divertira a armar uma barraca com algum troço do firmamento; uma agua tão limpida tão transparente, tão pura, que parece fluctuar sobre ar condensado; no tecto stalactites pendentes, como pyramides, postas ás avessas; no fundo areia de ouro misturada de vegetações submarinas; ao longo das paredes que se banham na agua lançamentos de coral em ramos, singulares em forma e brilhantes; do lado do mar um ponto, uma estrella, por onde entra a meia claridade, que alumia este palacio das fadas; em fim, no extremo opposto uma especie de estrado, composto como o throno da voluptuosa deu-

sa, que escolhera para quarto de seus banhos uma das maravilhas do mundo.

«Neste momento toda a gruta tomou uma tinta baça, como a terra, quando acontece em meio de um dia esplendido passar uma nuvem por diante do Sol: era Jardim, ao qual coube a vez de entrar, e cujo bote tapava o orifício da caverna: dentro em pouco arremecou-o para ao pé de mim a força da onda, que o tinha levantado; a gruta recobrou a formosa côr azulada e o bote parou estremecendo junto ao meu, porque este mar, tão inquieto e estrepitoso lá fóra, da banda de dentro tinha apenas um respiro brando e calado, como de um lago.

«Segundo toda a probabilidade, a *Gruta azulada* era desconhecida dos antigos: nenhum poeta a menciona, e de certo que os gregos, com sua maravilhosa imaginação, não deixariam de a arvorar em palácio de alguma deusa marítima, de nome harmonioso, cuja lenda nos legariam. Suetonio, que descreve com tanta miudeza as thermas e banhos de Tibério, teria dedicado algumas paginas á esta piscina natural, que o avelhentado imperador escolheria sem duvida para theatro de algumas de suas monstruosas lascivias.»

(Continúa.)

Plinius.

Etymologias.

A palavra *cadaver* é abreviatura da seguinte inscripção que os latinos punham em suas lousas:

Caro data vermibus

que significa: «carne dada aos vermes,» e que escrevia-se abreviadamente d'este modo:

CA. DA. VER.

Acha-se nas poesias sacras dos antigos a palavra: XPI, ou XPII. É abreviatura de *Christi*, sendo X equivalente de CH, e o P corrupção de R.—XPTO (*Christo*) é a marca de certos vinhos.

Ha em Portugal uma villa chamada Obidos. É este nome uma composição das tres palavras latinas: *Ob id os* (por causa d'esta lagôa.)

Todos sabem que a palavra *Carnaval* vem do latim; *Cro, vale*. É um adeus a carne para entrar na penitencia da quaresma.

Não é raro encontrar nos poetas ultra-romanticos as expressões: *margens da eternidade, praias do infinito*, e outras metaphoras que não passariam por certa rethorica sem o epitheto de atrevidas. Pois vem ellas ainda de uma inscripção tumular dos latinos: R. I. P. A., ou por extenso: *Requiescat in pace*. Sabem que *ripa* significa *ribanceira, margem, praia*. Eis ahí a origem da coisa.

Certos hereges tiravam argumento ont ra a existencia de Christo da maneira com que apparecia este nome nos escriptos dos Santos Padres. Por abreviatura escreviam *Christus* só com um X., e Jesus com um Z. (que lia-se *Zezes* ou *Zezo*.) Eram e ainda são as incognitas algebricas mais em uso.—Foi preciso uma encyclica pontifical para fulminar a logica dos hereges e affiançar aos fieis que aquillo era objecção de quitandeira.

MOSAICO.

Visitando Frederico 2.º uma noite os postos avançados do seu exercito, viu um soldado que tentava subtrahir-se á sentinella. O rei detendo-o lhe perguntou o que queria elle fazer:—«Para dizer a verdade, dice o soldado, eu, senhor, ia desertar.»—«Desertar? replicou o rei muito irado.»—«Senhor, proseguio o soldado com muita resolução, eu gosto do serviço quando nelle encontro gloria da minha patria; porém nesta campanha só tenho presenciado retiradas ou derrotas de V. M.; o seu exercito ainda não teve uma unica vantagem sobre o do inimigo; isto me mortifica a tal ponto, que me resolvi a desertar e a voltar para minha casa.»

O rei, maravilhado com esta resposta, dice ao soldado, tocando-lhe brandamente no hombro:—«Amigo, vae para a tua barraca, e conserva-te aqui mais uma semana, porque si a fortuna nos não resarcir dos revezes, eu e tu desertaremos juntamente.»

Lê-se em um jornal de New York, que se vae construir em Buffalo um monstruoso vapor que andarâ 100 milhas por hora! Terâ 4000 pés de comprimento, 73 pés e meio de altura e 62 de fundo; serã em fórma de cunha a prôa e a pôpa; terá duplos costados com bombas cheias de ar para que nunca possa submergir-se: em cada um collocar-se-hão seis rodas.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 92.)

CONDES.—Tu, Luiza, vem ajudar-me a vestir. E vós, senhores, achae-vos d'aqui pouco neste logar.

COND. e D. FRAN.—Ficamos scientes.

CONDES.—Trata-se da nossa fortuna, do meu odio e do seu amor, sr. D. Francisco.

D. FRAN.—Attenderemos a tudo isso.

CONDES.—Vem, Luiza. (*Sahem todos*).

SCENA 6.^a

Fernando, Maria, Simões e Graça.

MAR.—(*Continuando uma conversação*). Que encontro! O sr. Graça, um homem tão serio, neste baile!

SIM.—Está aqui por minha causa.

MAR.—Por sua causa!

SIM.—Sim. Dice-me:— Simões, como esta é a tua ultima extravagancia de rapaz solteiro, quero estar a teu lado para que não ponhas as manguinhas de fóra.

MAR.—Então o senhor está para casar?

SIM.—Sim, minha senhora.

GRA.—Ainda tem seus conformes.

SIM.—O patrão não queria dar a filha si-
nã a um tabellião....

GRA.—Foi um juramento que fiz.

SIM.—E como eu não tivesse dinheiro para abrir cartorio, e nem cartorio para casar com a filha, o patrão fez-me presente de tudo isso.

FERN.—Foi uma bonita acção, sr. Graça.

GRA.—Muito bonita e nunca vista. (*En-
tram em scena varios dominós, entre os
quaes a Condessa com um dominó preto e de
mascara*).

SCENA 7.^a

Os mesmos, a Condessa, mascaradas.

CONDES.—Queres offerecer-me o teu braço, Visconde d'Avila?

MAR.—(*Retendo-o*). Fernando!

CONDES.—Oh!... nada receie, senhora: d'aqui a pouco eu lhe restituirei seu marido.

FERN.—(*Baixo, á Condessa*). Foste tu que me escreveste?

CONDES.—(*Baixo*). Fui.

FERN.—(*Baixo*). E's tu que ha um mez torturas minha alma e meu coração?

CONDES.—Sim: confia por momentos a tua encantadora mulher ao respeitavel sr.

Graça.... (*Ainda mais baixo*)e não percas um instante, porque tua honra assim o exige.

FERN.—(*A' parte*). Minha honra! (*Alto*). Sr. Graça....

GRA.—Sr. Visconde....

FERN.—Queira servir de cavalheiro á Maria.

GRA.—Com muita honra....

MAR.—Mas.... meu amigo....

FERN.—E' só por alguns momentos, Maria.

GRA.—(*Com galanteio*). Minha senhora.... (*Offerece-lhe o braço*).

MAR.—(*Retirando-se com elle, acompanhada de Simões*). O que lhe quererá essa mulher? Treme sem saber porque.... (*Maria, Graça e Simões passciam ao fundo*).

FERN.—Que me queres dizer? falla...

CONDES.—Tens ciumes, Fernando d'Avila?

FERN.—Ciumes? de quem!...

CONDES.—Tua mulher é bonita.... outro póde amá-la e ser correspondido.

FERN.—(*Com força*). Maria! amar a outro? Para que me dizes isto? porque me torturas assim a alma?

CONDES.—Para que veles sobre a tua honra.... sobre o teu thesouro.... sobre a felicidade da tua vida!

FERN.—Basta, basta!. Deixa-me, mulher! (*Larga-lhe o braço*).

CONDES.—Adeus? (*Dá alguns passos para sahir*).

FERN.—Espera.

CONDES.—(*A' parte*) Ainda bem! (*Alto*). Chamaste-me?

FERN.—O que te fez Maria?

CONDES.—A mim?—nada.

FERN.—Porque és sua inimiga?

CONDES.—Não sou sua inimiga, não; sou sim tua amiga, e como tal previno-te de que ella ama a outro.

(Continúa.)

Errata do N. 11.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

Pag. 92—c. 1.^a l. 11.^a—em logar de: por si e pelos seus filhos, lêa-se: por si e pelos filhos.

S. Paulo.—1860.—Typographia IMPARCIAL de J. R. de Azevedo Marques.